

A LINGUAGEM NO CÁRCERE: UM ESTUDO SOBRE AS GÍRIAS EM UMA PENITENCIÁRIA DO PARANÁ

MICHELE GOLAM DOS REIS

Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, Paraná, Brasil

ANTONIO CARLOS ALEIXO

Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), Campo Mourão, Paraná, Brasil

ISAIAS BATISTA DE OLIVEIRA JÚNIOR

Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, Paraná, Brasil

LUCIANA FIGUEIREDO LACANALLO-ARRAIS

Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, Paraná, Brasil

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar a influência da cultura prisional na construção da linguagem e como essa dinâmica impacta a constituição do sujeito encarcerado. Fundamentado na Teoria Histórico-Cultural de Vygotski (1993; 2000), o estudo utiliza a pesquisa bibliográfica e o relato de experiência profissional da primeira autora em uma penitenciária no interior do Paraná. O problema central consiste em compreender de que forma a cultura prisional molda e transforma a linguagem das pessoas privadas de liberdade. Os resultados indicam que as gírias utilizadas no cárcere não se limitam à comunicação, mas funcionam como instrumentos culturais e psicológicos que expressam pertencimento, mediação simbólica e resistência. Conclui-se que a linguagem, ao revelar processos de ressignificação e identidade, torna-se uma ferramenta de sobrevivência cultural e subjetiva em um espaço de silenciamento e exclusão.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem. Gírias. Cárcere. Teoria Histórico-Cultural.

INTRODUÇÃO

Segundo Vygotski¹ (2000), as funções psicológicas superiores (FPS) são desenvolvidas por meio da interação social entre o indivíduo e a sociedade, enquanto a internalização dos conhecimentos e significados, que impactam no desenvolvimento das capacidades cognitivas e sociais, ocorre por meio da mediação cultural. Neste artigo, será dada ênfase à linguagem, uma das FPS que, além de seu papel na comunicação, organiza o pensamento e permite que o indivíduo transite do concreto à abstração dos objetos.

No Brasil, país de dimensões continentais, a heterogeneidade linguística, resultado de fatores geográficos, culturais e econômicos, dinamiza a complexidade das relações sociais em diversas conjunturas, tornando a linguagem um reflexo da cultura de uma sociedade.

No contexto do sistema prisional, gírias e expressões são amplamente utilizadas, muitas vezes incompreensíveis para aqueles fora do grupo ao qual as pessoas privadas de liberdade (PPL) pertencem. Essas formas de linguagem reforçam um senso de

pertencimento e identidade coletiva em um ambiente hostilizado pela sociedade brasileira. Paralelamente, o sistema prisional silencia as vozes dos encarcerados e, em sua condição de instituição total, promove a "mortificação do eu", conforme descrito por Goffman (1974), apagando aspectos fundamentais de suas identidades.

Conforme Groxk e Grando (2021), as gírias utilizadas em unidades prisionais têm como objetivo dificultar a compreensão por parte da sociedade em geral e das autoridades, incluindo os policiais penais. Essas expressões funcionam como um código linguístico que, em determinados contextos, pode facilitar a realização de atividades ilícitas, proporcionando maior discrição e segurança nas comunicações dentro do ambiente carcerário.

Este artigo tem como objetivo analisar a influência da cultura prisional na construção da linguagem e como essa dinâmica impacta a constituição do sujeito encarcerado. A problemática central que orienta este estudo é: de que forma a cultura do sistema prisional molda e transforma a linguagem dos indivíduos privados de liberdade, e como essa dinâmica reflete o processo de constituição do sujeito no contexto prisional?

Utilizaremos como referencial teórico a Teoria Histórico-Cultural, desenvolvida por Vygotski (2000), pois ela aborda aspectos fundamentais relacionados ao contexto histórico e cultural do indivíduo, destacando a importância da linguagem e das particularidades individuais no processo de desenvolvimento. Diferente de abordagens que focam apenas nos aspectos biológicos, a Teoria Histórico-Cultural enfatiza a influência do ambiente social e cultural na constituição das funções psicológicas superiores, sendo essencial para compreender a interação entre o sujeito e o mundo em que está inserido.

As metodologias empregadas na presente pesquisa foram a pesquisa bibliográfica e o relato de experiência. Conforme Lakatos e Marconi (2003, p. 183), a pesquisa bibliográfica abrange "toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, [...] cuja finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto". O relato de experiência, por sua vez, prioriza a valorização do conhecimento produzido a partir da prática e da reflexão crítica, contribuindo para o campo acadêmico ou profissional ao fornecer dados empíricos e análises que podem fundamentar novas abordagens e promover o aprimoramento de práticas estabelecidas (Casarin; Porto, 2021).

Para atingir o objetivo proposto, este artigo está organizado em três seções. A primeira, intitulada "O homem como ser Histórico-Cultural", aborda aspectos da constituição humana a partir do contexto histórico e cultural do sujeito. A segunda seção, "As Funções Psicológicas Superiores e a Linguagem", discute o desenvolvimento dessas funções e o papel central da linguagem nesse processo. Por fim, a terceira seção, "Cultura e linguagem: As gírias no sistema prisional", analisa a função da linguagem no contexto prisional e apresenta um conjunto de gírias identificadas em uma penitenciária localizada em Campo Mourão (PR).

O HOMEM COMO SER HISTÓRICO-CULTURAL

Uma das principais contribuições de Vygotski para a Psicologia foi a formulação da Teoria Histórico-Cultural, fundamentada no materialismo histórico-dialético. Essa abordagem propôs uma nova concepção de Psicologia, que considera o ser humano como um indivíduo singular e único, cuja constituição é permeada pelos conhecimentos historicamente acumulados e pela cultura que o envolve. Tal perspectiva contrapõe-se à Psicologia tradicional, que restringia sua compreensão do ser humano a aspectos biológicos, desconsiderando suas especificidades sociais, culturais e históricas (Tanamachi, Asbahr e Bernardes, 2019).

A constituição do sujeito não pode ser compreendida fora de seu contexto histórico e cultural, uma vez que o desenvolvimento humano ocorre de forma dialética, a partir das interações sociais que o indivíduo estabelece ao longo da vida. Essa perspectiva é central na abordagem de Vygotski (2000). As funções psicológicas superiores, como a linguagem, não surgem de modo espontâneo, mas se desenvolvem por meio da mediação social e da internalização de práticas culturais. Assim, compreender esses processos é fundamental para a análise integral da condição humana.

O conceito de ser histórico-cultural está relacionado à maneira como o ser humano se desenvolve e se constitui por meio de suas interações com o ambiente natural e social, além de sua capacidade de transformar a natureza intencionalmente por meio do trabalho, o que caracteriza a atividade humana (Duarte, 2004). Embora essa perspectiva não descarte os aspectos biológicos, a ênfase recai sobre a Psicologia, que permite compreender de forma mais profunda como o ser humano se forma e se transforma em sua singularidade.

O ser humano apresenta aspectos individuais, de natureza biológica, e aspectos sociais, de natureza cultural. O trabalho configura-se como a categoria fundamental que distingue os seres humanos dos demais animais, uma vez que estes últimos agem predominantemente de maneira instintiva, enquanto os humanos possuem a capacidade de transformar o ambiente e a si mesmos de forma intencional, por meio da cultura. Ao intervir na natureza, o ser humano não apenas a modifica, mas também constrói sua própria humanidade. Ademais, a criação de ferramentas e sistemas simbólicos é característica exclusiva da atividade humana, a qual não pode ser plenamente compreendida sem sua relação intrínseca com a consciência, elemento essencial que define a condição humana (Moretti, Asbahr e Rigon, 2011).

Se a existência humana não é garantida pela natureza, não é uma dádiva natural, mas tem de ser produzida pelos próprios homens, sendo, pois, um produto do trabalho, isso significa que o homem não nasce homem. Ele forma-se homem. Ele não nasce sabendo produzir-se como homem. Ele necessita aprender a ser homem, precisa aprender a produzir sua própria existência. Portanto, a produção do homem é, ao mesmo tempo, a formação do homem, isto é, um processo educativo. A origem da educação coincide, então, com a origem do homem mesmo (Saviani, 2007, p. 154).

Segundo Leontiev (2004), o trabalho desempenha um papel fundamental na transformação e hominização do cérebro, estabelecendo uma conexão intrínseca entre o homem e a natureza. Essa atividade é caracterizada por dois elementos interdependentes: o uso e a criação de instrumentos, e a realização do trabalho em condições de atividade coletiva e comum. Nesse contexto, o trabalho não apenas estabelece uma relação direta com a natureza, mas também com outros indivíduos, situados em uma determinada organização social. Assim, o trabalho é mediado tanto pelos instrumentos quanto pelas relações sociais.

A diferenciação entre a utilização de instrumentos pelos animais é que não possui socialização e trabalho coletivo, não configurando um processo que envolva a comunicação e a mediação social entre os indivíduos de sua espécie, características estas que são exclusivas da atividade humana (Duarte, 2004).

O trabalho humano é em contrapartida, uma atividade originalmente social, assente na cooperação entre indivíduos que supõe uma divisão técnica, embrionária que seja, das funções do trabalho; assim, o trabalho é uma ação sobre a natureza, ligando entre si os participantes, mediatizando a sua comunicação (Leontiev, 2004, p.81).

Exemplificando, em atividades como a agricultura ou a construção de ferramentas, é possível observar como o trabalho coletivo demanda organização, aprimoramento, troca de informações e colaboração, fatores que possibilitam o desenvolvimento de produtos materiais, e de relações sociais e formas de linguagem. Além do trabalho, enquanto característica constituinte do psiquismo humano, a necessidade de comunicação entre os sujeitos também se apresenta como um fator determinante para esse desenvolvimento (Bernardes, 2011).

AS FUNÇÕES PSICOLÓGICAS SUPERIORES E A LINGUAGEM

A memória voluntária, atenção dirigida, pensamento abstrato, percepção, formação de conceitos, emoção, vontade e linguagem, são funções psicológicas superiores (FPS) que se desenvolvem por meio da interação com o outro (Vygotski, 1993). Diante desse contexto, a linguagem exerce o papel de mediadora na organização do pensamento, construção de significados e transmissão de conhecimentos historicamente acumulados.

Enquanto capacidades fundamentais para a interação com o mundo, as funções psicológicas englobam tanto aspectos biológicos quanto sociais. Segundo Vygotski (2000), essas funções podem ser classificadas em elementares e superiores, cada uma com características e finalidades distintas no desenvolvimento humano.

As funções psicológicas elementares são condizentes às capacidades básicas, como atenção, percepção e memória, porém de forma não consciente. Essas funções atendem às necessidades biológicas imediatas, como fome, sono, sede, entre outras e são ligadas a processos instintivos. Embora fundamentais, as funções elementares não

envolvem a complexidade da consciência plena ou da mediação cultural, não sendo exclusivas dos seres humanos, mas também observadas nos animais (Vygotski, 2000).

Por outro lado, as funções psicológicas superiores, exclusivas dos seres humanos, emergem no contexto das interações sociais e culturais. Essas funções incluem processos complexos como percepção, memória, imaginação, atenção dirigida, pensamento, generalização, abstração e, sobretudo, a linguagem. Desenvolvidas a partir da mediação cultural, essas capacidades permitem não apenas compreender o mundo de maneira mais elaborada, mas também agir sobre ele de forma consciente e planejada (Bernardes e Asbahr, 2007).

Por exemplo, ao observar uma garrafa térmica, é possível deduzir que o líquido em seu interior pode estar quente ou frio sem a necessidade de tocá-la, baseado em experiências anteriores do indivíduo e no contexto cultural. Esse exemplo é característico do desenvolvimento da capacidade de abstração humana e demonstra como as FPS transformam nossa relação com o mundo, sendo mediadas pela linguagem e pelo uso de instrumentos culturais.

Concebe-se, a partir da constatação de Vigotski, que a constituição fisiológica das funções superiores, dada numa determinada condição de existência dos sujeitos, pode ser transformada mediante as diversas ações de que eles participem, em diferentes atividades humanas e, particularmente, na atividade educativa. Assim, não se concebem as bases biológicas como determinantes para constituição das funções superiores, mas ser por meio da mediação da cultura nas diversas atividades humanas que levam os sujeitos a se constituírem psíquica e fisiologicamente (Bernardes, 2011, p. 328).

O desenvolvimento das funções psicológicas não depende apenas de processos biológicos, mas das interações sociais e culturais que constituem o ser humano como sujeito histórico-cultural, caracterizado pela capacidade de agir de forma consciente, intencional e planejada, ressignificando as formas de compreender e interagir com o mundo.

A cultura dentro de uma unidade prisional é composta por normas informais, códigos de conduta e gírias utilizadas pelas pessoas privadas de liberdade, que refletem suas experiências vividas antes, durante e após a privação de liberdade. A prática quase exclusiva da oralidade se torna não apenas uma ferramenta de comunicação, mas também uma forma de adaptação e organização social do ambiente, sendo constantemente moldada e modificada de acordo com as condições impostas pelo sistema.

Para Bernardes e Asbahr (2007, p. 328), “o processo de transformação da memória, da fala e do pensamento é identificado também pelo movimento que o significado da palavra assume quando são alteradas as relações sociais em que os indivíduos se envolvem”.

As gírias e expressões utilizadas no sistema prisional desempenham uma função de mediação social e cultural, que viabiliza a comunicação entre as pessoas privadas de liberdade e contribui para a construção de identidades em um ambiente marcado pela opressão e pelo processo de silenciamento do sujeito.

Em realidade, o significado da palavra passa por uma complexa evolução, e se a representação material da palavra continua a mesma, desenvolve-se o seu significado, ou seja, o sistema de relações e ligações que ele implica, o sistema de generalizações realizado pela palavra. Por isto, a palavra não apenas muda de estrutura em etapas diferentes da evolução, como passa a basear-se em novas correlações de processos psicológicos (Luria, 1994, p. 29).

Como se vê, a linguagem não é estática, ela se transforma conforme as necessidades oriundas, em última instância, da necessidade de sobrevivências que demanda alterações no campo simbólico. No contexto de privação de liberdade, em ambiente coletivo, como é o caso de um presídio, as alterações de forma e conteúdo linguageiros atendem a tais determinações, demonstrando como a cultura e a linguagem são indissociáveis na construção do sujeito histórico-cultural.

CULTURA E LINGUAGEM: AS GÍRIAS NO SISTEMA PRISIONAL

A linguagem é moldada pela cultura e, ao mesmo tempo, a transforma. No sistema prisional, as gírias e expressões criadas refletem as condições sociais e culturais desse ambiente. Palavras e frases adquirem significados específicos que só fazem sentido no interior desse contexto. Essas gírias, além de constituir uma forma de identidade de comunicação interna, reforçam a coletividade e delimitam fronteiras entre aqueles que pertencem ou não ao grupo. (Grocko e Grando, 2021)

As gírias são fenômenos sociolinguísticos que se constituem como uma linguagem criptológica, produzida e utilizada por determinado grupo. Elas têm caráter e funções identitária, de autoafirmação e de proteção de seus membros. Nesse sentido, as gírias podem ser divididas em duas classificações: (i) as gírias em sentido estrito, ou seja, aquelas que conservam seu caráter secreto, configurando-se como um vocabulário desconhecido aos externos ao grupo a que pertencem, [...]; (ii) e as gírias comuns, que são léxicos que ultrapassaram as barreiras do grupo e se tornaram conhecidos e (até) utilizados pelos demais da sociedade (Pereira e Sousa, 2024, p. 441).

O ser humano, enquanto ser social, possui a necessidade de relacionar-se sobre o ambiente em que está inserido, “pois necessita comunicar-se com o outro. Por meio desta comunicação, ele partilha sua visão de mundo, suas experiências, sentimentos, conhecimentos, enfim, sua cultura. Portanto, a língua de um grupo é parte de sua cultura” (Coelho e Mesquita, 2013, p. 33). Dessa forma, cultura, linguagem e identidade apresentam-se como elementos interdependentes, configurando-se em um vínculo essencial para a construção das relações sociais e da subjetividade humana.

As gírias são caracterizadas como uma variação diastrática, distinta da norma padrão da língua, sendo definidas como expressões utilizadas por grupos específicos para estabelecer formas particulares de comunicação. É importante destacar que essa

variedade linguística mantém, em grande parte, a estrutura gramatical da língua materna, porém modifica significativamente o léxico, tornando-o, por vezes, incompreensível para indivíduos fora do grupo que a utiliza (Matos, 2014). Nesse sentido, "a gíria surge como um signo de grupo, a princípio secreto, domínio exclusivo de uma comunidade restrita (seja a gíria dos marginais ou da polícia, dos estudantes, ou de outros grupos ou profissões)" (Preti, 1984, p. 3).

Expressões como "puxar cadeia" (cumprir pena) ou "condena" (tempo da sentença) não são apenas funcionais, mas demonstram como as pessoas privadas de liberdade recriam códigos linguísticos que transcendem a mera comunicação. Nesse sentido, essas gírias podem ser compreendidas como instrumentos de mediação, conforme a teoria de Vygotsky (2000), uma vez que a linguagem permite que os indivíduos organizem, interpretem e atribuam significado à realidade em que estão inseridos. Considerando que a linguagem constitui uma função psicológica superior (Vygotski, 1993), ela oferece recursos para que os sujeitos internalizem experiências, construam identidade e estabeleçam relações de pertencimento, mesmo em ambientes institucionais marcados pelo controle.

As gírias, em geral, exigem dos falantes/ouvintes um conhecimento contextual. E, o linguajar dos detentos pode ser tão diferente que, aos ouvidos de outros indivíduos que não convivem com eles pode parecer se tratar de outro idioma. Com isso, as pessoas que não vivenciam essa realidade, ao ouvir as gírias, necessitam de um "tradutor" para entender o sentido das palavras (Groxko e Grando, 2021, p. 7).

Quando utilizada pelos indivíduos para se expressarem, a linguagem não é apenas uma ferramenta de comunicação, mas também um reflexo dos aspectos sociais em que esses indivíduos estão inseridos. Para Leite (2003, p.18), "os falantes, naturalmente, quando produzem seus discursos, revelam aspectos da sociedade em que vivem". Mais que isso, as formações discursivas buscam assujeitar outros indivíduos para seu campo de operações com aspectos da linguagem que são subordinados a determinada ideologia. É nesse sentido que a linguagem é também performativa. Ela faz com que o outro se submeta e adapte-se.

A título de exemplificação do que discutimos até o presente momento, apresentamos o Quadro 1 que descreve um conjunto de gírias identificadas em uma penitenciária situada na cidade de Campo Mourão, no interior do Paraná. A coleta baseia-se na experiência profissional da primeira autora, que exerceu atividades no setor de pedagogia da unidade prisional por aproximadamente dois anos. Esse período proporcionou uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas culturais e das especificidades que permeiam o cotidiano da instituição.

Quadro 1 – Algumas gírias e seus significados no Cárcere

Gíria	Significado
Marrocos	Pão
Móca	Café
Jega	Cama
Pena	Caneta
Pá	Colher
Cascuda	Bolacha
Papagaio	Rádio
Pipa	Bilhete
Mocó	Esconder
Barraco, X, cubículo	Alojamento
PH	Papel Higiênico
G2	Aparelho de barbear
Choca	Bebida alcoólica feita com arroz
Chorona	Carta
Dormir na Praia	Dormir no chão
Reza	Tempo de pena
Bonde	Transferência
Bocuda, capa	Porta
Leléte	Mistura de bolacha, leite e nescau
Boi	Vaso Sanitário
Porva	Suco
Coruja	Cueca
Blindada	Marmita
Raposa, bandeira	Toalha
Ramera	Camiseta
Cheirinho	Desinfetante
Espumante	Sabonete
Jumbo	Sacola com alimentos e materiais de higiene
Dormir de valete	Dividir o colchão
Boilatão	Pessoa gulosa

Fonte: elaborado pelos autores (2025).

Essas são algumas gírias habitualmente identificadas no sistema prisional. É pertinente destacar que, em cada região, as palavras podem apresentar significados distintos, enquanto algumas expressões são mais popularizadas. Quando em interação,

as alterações nos termos, normalmente, obrigam pessoas fora do grupo a necessitarem de “tradução” e operações metalinguísticas, que podem ser realizadas pelos próprios interlocutores quanto por quem já se encontra ambientado com a variedade linguística utilizada.

Esse processo de criação linguística evidencia a capacidade humana de desenvolver funções psicológicas superiores mesmo em ambientes adversos, reforçando a tese de que a linguagem é central no processo de humanização. Ao ressignificar a realidade por meio de gírias, os indivíduos encarcerados não apenas se comunicam, mas criam laços sociais e culturais, em um contexto de constante mortificação identitária (Goffman, 1974).

Ao observarmos as gírias elencadas no Quadro 01, constatamos que a criação de novos termos para significação em ambiente privado obedece, majoritariamente, ao padrão metonímico das operações sintáticas – quando um termo substitui outro por relação causal, de pertencimento, consecutivo ou de particularidade-totalidade, revelando aspectos da capacidade criativa com funções poéticas. Algo como “o novo no velho”, “a vida na morte”.

Além disso, no contexto do sistema prisional, a linguagem constrói as relações de poder, a solidariedade e o sentimento de pertencimento. Por meio dela, são transmitidos significados culturais que organizam as interações sociais e permitem que os indivíduos interpretem e se posicionem em relação ao ambiente em que estão inseridos. Assim, fica evidente que o sistema prisional desenvolve uma cultura própria, distinta das demais, caracterizada, entre outros aspectos, por uma forma singular de poder e sobrevivência. Nesse cenário, as gírias funcionam como elemento para a inclusão e a identificação dos participantes de determinados grupos, tendo em vista que, “a partir do processo de identificação do indivíduo com alguma ideia, ele assume uma posição, ou seja, uma identidade” (Coelho e Mesquita, 2013, p. 29).

A análise das gírias no contexto prisional revela dimensões que ultrapassam a simples comunicação interna. As expressões linguísticas criadas e compartilhadas pelas pessoas privadas de liberdade materializam processos de resistência simbólica e de reconstrução identitária diante de um ambiente que busca anular suas vozes. O uso de termos próprios constitui-se, assim, em uma forma de “autopreservação coletiva” e de “identificação individual”, por meio da qual os indivíduos reinterpretam o mundo e reafirmam sua existência (Pereira e Sousa, 2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A constituição do ser humano ocorre de forma dialética, mediada pela cultura e pela história da sociedade. É por meio da consciência que o ser humano se diferencia dos outros animais, tornando-se capaz de modificar a natureza e de se transformar intencionalmente, especialmente por meio do trabalho, característica da atividade humana.

Tendo em vista que o homem é um ser constituído por aspectos sociais e culturais que o inserem em um contexto histórico, a Teoria Histórico-Cultural, elaborada por Vygotski (2000), busca estudá-lo em sua totalidade, em vez de reduzi-lo a uma visão exclusivamente biologizante. Nessa teoria, o desenvolvimento humano é impulsionado pela aprendizagem e pela interação com o meio social em que o indivíduo está inserido.

Nesse contexto, as funções psicológicas superiores desempenham um papel importante no desenvolvimento da memória, atenção, percepção, planejamento, pensamento e linguagem, aspectos exclusivos da espécie humana.

O presente artigo buscou demonstrar a influência da cultura prisional na construção da linguagem e como essa dinâmica impacta a constituição do sujeito encarcerado. Em um ambiente marcado pela exclusão e pela mortificação das identidades, a cultura linguística das PPL revela-se como um recurso importante para interação e sobrevivência. As gírias e expressões criadas no cárcere são mais do que códigos de comunicação, representam resistência, pertencimento e uma forma de (re)construção de suas identidades.

A cultura e a linguagem possuem uma importância singular nesse contexto, pois permitem que as PPL interajam e se sintam incluídas em um grupo que apresenta uma cultura própria, rica em detalhes e peculiaridades, ainda que isolada do restante da sociedade. Apesar das condições adversas e da "mortificação do eu" descrita por Goffman (1974), os indivíduos encarcerados encontram, na reconstrução de suas formas de expressão, um meio de se afirmar enquanto sujeitos históricos e sociais, mesmo em um espaço que busca, frequentemente, desumanizá-los.

As gírias coletadas durante a experiência da primeira autora na penitenciária de Campo Mourão (PR) evidenciam processos criativos e coletivos de significação, nos quais a linguagem se torna um meio de sobrevivência cultural. Esses códigos linguísticos, como "pipa", "boi", "reza" ou "dormir na praia", revelam o modo como os sujeitos reinterpretam a realidade prisional, criando sentidos compartilhados que reafirmam suas identidades diante de um sistema que tende a apagá-las.

A partir dessa perspectiva, comprehende-se que a linguagem no cárcere é também uma forma de resistência cultural e um meio de preservar a identidade individual e coletiva das pessoas privadas de liberdade. As gírias funcionam como uma mediação simbólica que permite reorganizar a experiência do encarceramento e reconstruir laços de pertencimento.

Desse modo, o estudo contribui para ampliar o debate sobre o papel da linguagem em contextos de privação de liberdade, evidenciando que as práticas linguísticas no cárcere não são simples manifestações do cotidiano prisional, mas expressões de subjetividade. Espera-se que este trabalho inspire novas reflexões e pesquisas que considerem a complexidade e a humanidade desses indivíduos, promovendo discussões mais inclusivas sobre o sistema prisional e suas dinâmicas culturais.

Artigo recebido em: 15/04/2025
Aprovado para publicação em: 07/10/2025

REIS, M. G. dos; ALEIXO, A. C.; OLIVEIRA JÚNIOR, I. B. de; LACANALLO-ARRAIS, L. F.

LANGUAGE IN PRISON: A STUDY ON SLANG IN A PENITENTIARY IN PARANÁ

ABSTRACT: This article aims to analyze the influence of prison culture on language construction and how this dynamic affects the constitution of the incarcerated subject. Based on Vygotsky's Historical-Cultural Theory (1993; 2000), the study employs bibliographic research and the first author's professional experience in a penitentiary in Paraná. The central question is to understand how prison culture shapes and transforms the language of people deprived of liberty. The results indicate that prison slang goes beyond communication, functioning as cultural and psychological instruments expressing belonging, symbolic mediation, and resistance. It is concluded that language, by revealing processes of re-signification and identity, becomes a tool for cultural and subjective survival in a space of silencing and exclusion.

KEYWORDS: Language. Slang. Prison. Cultural-Historical Theory.

EL LENGUAJE EN LA CÁRCEL: UN ESTUDIO SOBRE LA JERGA EN UNA PENITENCIARÍA DE PARANÁ

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo analizar la influencia de la cultura penitenciaria en la construcción del lenguaje y cómo esta dinámica impacta la constitución del sujeto encarcelado. Fundamentado en la Teoría Histórico-Cultural de Vygotski (1993; 2000), el estudio utiliza investigación bibliográfica y el relato de la experiencia profesional de la primera autora en una penitenciaría en Paraná. La cuestión central consiste en comprender cómo la cultura penitenciaria moldea y transforma el lenguaje de las personas privadas de libertad. Los resultados indican que la jerga utilizada en la cárcel va más allá de la comunicación, funcionando como instrumentos culturales y psicológicos que expresan pertenencia, mediación simbólica y resistencia. Se concluye que el lenguaje, al revelar procesos de resignificación e identidad, se convierte en una herramienta de supervivencia cultural y subjetiva en un espacio de silenciamiento y exclusión.

PALABRAS CLAVE: Lenguaje. Jerga. Cárcel. Teoría Histórico-Cultural.

NOTA

1- Optou-se pela grafia "Vygotski", em conformidade com as edições em espanhol das *Obras Escogidas* (1993; 2000). Outras grafias, como Vigotski ou Vygotsky, decorrem de distintos processos de transliteração.

REFERÊNCIAS

BERNARDES, M. E. M. Atividade educativa, pensamento e linguagem: contribuições da psicologia histórico-cultural. **Psicologia Escolar e Educacional**. v.15, n. 2, p. 323-332, dez. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/wDmmMhJ3jTqmKTmrxn87Pxt/>. Acesso em: 12 dez. 2024.

BERNARDES, M. E. M.; ASBAHR, F. S. F. Atividade pedagógica e o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 25, n. 2. jul/dez. 2007, p. 315-342. Disponível

ARTIGO 1104

A linguagem no cárcere: um estudo sobre as gírias...

em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/1791/1555>. Acesso em: 10 dez. 2024.

CASARIN, S.T.; PORTO, A. R. Relato de Experiência e Estudo de Caso: algumas considerações.

Journal of Nursing and Health: v. 11 n. 4, 22 nov. 2021. Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/enfermagem/article/view/21998/13685>. Acesso em: 12 dez. 2024.

COELHO, L. P.; MESQUITA, D. P. C. Língua, cultura e identidade: conceitos intrínsecos e interdependentes. **Revista Entreletras**, v. 4, n. 1, p. 24- 34. Araguaína: Universidade Federal do Tocantins – UFT, 2013. Disponível em:

<https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/entreletras/article/view/975/516>. Acesso em: 04 jan. 2025.

DUARTE, N. Formação do indivíduo, consciência e alienação. **Cadernos Cedes**, São Paulo, Campinas, v. 24, n. 62, p. 44-63, abril, 2004. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/cedes/a/BySzfJvy3NLvLrfRtxgBy6w/>. Acesso em: 09 dez. 2024.

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

GROXKO, S. C.; GRANDO, R. K. **As gírias utilizadas nos estabelecimentos prisionais brasileiros: perspectivas sociolinguísticas**, 2021. 17 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras, Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, 2021. Disponível em:

https://sguweb.unicentro.br/app/webroot/arquivos/atsubmissao/TCC_Samille_Cristina_Groxko_Final_Itimo.pdf. Acesso em: 03 jan. 2025.

LEITE, M. Q. Aspectos de uma língua na cidade: marcas da transformação social do léxico. In: PRETI, D. **Léxico na língua oral e na língua escrita**. São Paulo: Humanitas FFLCH-USP, 2003. p. 17-45.

LEONTIEV, A. O homem e a cultura. In: **O desenvolvimento do psiquismo**. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2004. p. 277-302.

LURIA, A. R. **Curso de psicologia geral**. 2. ed., v. IV, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MATOS, S. C. de. **A Língua dos “Filhos Errantes da Sociedade”**: Uma Análise Sociodiscursiva das Gírias do Sistema Penitenciário do Interior do Tocantins. 2014. 203 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Linguística, Instituto de Letras da Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/16268/1/2014_SolangeCavalcantedeMatos.pdf. Acesso em: 04 jan. 2025.

MORETTI, V. D.; ASBAHR, F. S. F.; RIGON, A. J. O humano no homem: os pressupostos teórico-metodológicos da teoria histórico-cultural. **Psicologia & Sociedade**, 23(3), 2011, p.477-485.

PEREIRA, E. S.; SOUSA, V. V. “Que saudade da lili”: reflexões sociolinguísticas sobre mulheres encarceradas. **Revista Científica do Curso de Direito**, Vitória da Conquista, n. 5, p. 19-34, 2022.

REIS, M. G. dos; ALEIXO, A. C.; OLIVEIRA JÚNIOR, I. B. de; LACANALLO-ARRAIS, L. F.

Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/rccd/article/view/11864>. Acesso em: 17 jan. 2025.

PRETI, D. **A gíria e outros temas**. São Paulo: EDUSP, 1984.

SAVIANI, D. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 34, p. 152-165, jan/abr. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/wBnPGNkvstzMTLYkmXdrkWP/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 15 jan. 2025.

TANAMACHI, E. R.; ASBAHR, F. S. F.; BERNARDES, M. E. M. Teoria, método e pesquisa na psicologia histórico-cultural. **Temas escolhidos na psicologia histórico-cultural: interfaces Brasil – Cuba**. Tradução. Maringá: Eduem, 2019, p. 91-108.

VYGOTSKI, L. S. **Obras escogidas**. Tomo II. Segunda parte. Madrid: Visor, 1993.

VYGOTSKI, L. S. **Obras escogidas**. Tomo III, Madrid: Aprendizaje visor, 2000.

MICHELE GOLAM DOS REIS: Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá - UEM. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Paraná - Campus de Campo Mourão (UNESPAR). Bolsista CAPES e professora da rede municipal de ensino de Campo Mourão.
Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-3796-0074>
E-mail: michelegolam2008@gmail.com

ANTONIO CARLOS ALEIXO: Professor do Colegiado de Letras da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) – Campus de Campo Mourão. Doutorando em Sociedade, Cultura e Fronteiras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) – Campus de Foz do Iguaçu.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1494-872X>
E-mail: carlos.aleixo@unespar.edu.br

ISAIAS BATISTA DE OLIVEIRA JÚNIOR: Professor Adjunto na Universidade Estadual de Maringá - UEM. Docente Permanente do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá. Estágio de Pós-Doutorado pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9068-1983>
E-mail: ibojunior@uem.br

LUCIANA FIGUEIREDO LACANALLO-ARRAIS: Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Pós-Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Londrina. Professora adjunta do Departamento de Teoria e Prática da Educação (DTP/UEM) e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPE/UEM).
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5297-7823>
E-mail: lflacanallo@uem.br

Este periódico utiliza a licença *Creative Commons Attribution 3.0*, para periódicos de acesso aberto
(*Open Archives Initiative - OAI*).